



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 04/08/2017 a 10/08/2017

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e ADM – Administração UNIJUÍ

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
04/08/2017	9,49	303,50	33,60	4,54	3,66
07/08/2017	9,59	308,00	33,51	4,63	3,72
08/08/2017	9,63	307,80	33,80	4,57	3,69
09/08/2017	9,63	306,60	34,13	4,59	3,72
10/08/2017	9,30	294,20	33,74	4,40	3,57
Média	9,53	304,02	33,76	4,55	3,67

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho = 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais* (compra e venda)
no mercado de lotes brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	66,45	-2,27
RS - Santa Rosa	65,55	-2,96
RS - Ijuí	65,55	-2,96
PR - Cascavel	63,30	-1,86
MT - Rondonópolis	60,60	-1,24
MS - Ponta Porá	57,80	-2,53
GO - Rio Verde (CIF)	60,50	-1,56
BA - Barreiras (CIF)	61,00	-0,81
MILHO		
Argentina (FOB)**	151,20	1,89
Paraguai (FOB)**	100,00	0,00
Paraguai (CIF)**	142,50	-1,04
RS - Erechim	28,20	-0,35
SC - Chapecó	27,50	0,00
PR - Cascavel	21,20	-0,93
PR - Maringá	20,70	-0,96
MT - Rondonópolis	16,90	-2,03
MS - Dourados	17,50	-1,96
SP - Mogiana	21,70	-0,23
SP - Campinas (CIF)	25,50	0,99
GO - Goiânia	20,50	0,00
MG - Uberlândia	24,25	-0,41
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	655,00	0,00
RS - Santa Rosa	650,00	0,00
PR - Maringá	715,00	0,00
PR - Cascavel	710,00	0,00

Período entre 04/08/2017 a 10/08/17

ND = Não Disponível.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 10/08/2017**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	22,34	60,40	32,32

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
10/08/2017**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	39,48
Feijão (saco 60 Kg)	139,14
Sorgo (saco 60 Kg)	ND
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,20
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,14
Boi gordo (Kg vivo)*	4,79

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago melhoraram um pouco até o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado neste dia 10/08. O bushel da oleaginosa chegou a US\$ 9,63 na véspera do relatório. Todavia, o relatório surpreendeu, com informações muito baixistas, fato que derrubou as cotações no dia do seu anúncio, levando o fechamento de Chicago, para o primeiro mês cotado, a apenas US\$ 9,30/bushel. Esta cotação não era vista desde o final de junho/17. A título de comparação, há uma semana o fechamento havia sido de US\$ 9,50/bushel.

Até o anúncio do relatório a oleaginosa ficou apoiada na possibilidade de o USDA reduzir a produtividade média e o volume final da futura safra estadunidense. Neste sentido, analistas internacionais apostavam em uma revisão para baixo nos números da atual safra, com a produção dos EUA recuando para 114,3 milhões de toneladas, contra 115,9 milhões projetados em julho e 117,2 milhões efetivamente colhidos na safra anterior (2016/17). Já os estoques finais estadunidenses, para a safra 2016/17, seriam diminuídos para 10,9 milhões de toneladas, contra 11,2 milhões em julho. Já para a nova safra tais estoques seriam de 11,6 milhões de toneladas, contra 12,5 milhões projetados em julho. Quanto aos estoques finais mundiais, a especulação era de que o ano 2016/17 fecharia com 94,4 milhões de toneladas, contra 94,8 milhões indicados em julho, enquanto para 2017/18 os mesmos seriam rebaixados de 93,5 milhões de toneladas em julho para uma projeção de 92,2 milhões agora.

O mercado apostava que qualquer número de produtividade média abaixo de 52,2 sacos/hectare motivaria altas importantes em Chicago (em julho, a produtividade média para a nova safra havia sido projetada em 53,8 sacos/hectare).

Ora, o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado neste dia 10/08, surpreendeu o mercado, indicando números muito superiores a estes que o mercado esperava. Senão vejamos:

- 1) A produtividade média estadunidense foi aumentada para 3.321 quilos/hectare (55,4 sacos/hectare), deixando a entender que os problemas climáticos especulados no mês passado não atingiram as lavouras como se anunciava;
- 2) Com isso, a produção final estadunidense, para 2017/18, foi aumentada para 119,2 milhões de toneladas (novo recorde histórico), ou seja, bem acima do esperado pelo mercado e acima do que foi colhido no ano passado. Este número confirma nossos alertas de que era necessário considerar o aumento da área semeada como um elemento que poderia mudar o quadro especulativo altista caso o clima não viesse a causar problemas;
- 3) Os estoques finais nos EUA, para 2017/18, também sofreram acréscimo, ficando agora em 12,9 milhões de toneladas, ou seja, acima do esperado pelo mercado. Todavia, o relatório reduziu para 10,1 milhões de toneladas os estoques de 2016/17, volume abaixo do esperado pelo mercado;
- 4) O patamar de preços médios aos produtores de soja dos EUA, para o ano 2017/18, ficou agora entre US\$ 8,45 e US\$ 10,15/bushel;
- 5) Já a safra mundial de soja está estimada em 347,4 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais ficariam, em 2017/18, em 97,8 milhões, superando largamente o esperado pelo mercado;

- 6) A produção da Argentina e do Brasil, para o mesmo ano, foi estimada respectivamente em 57 e 107 milhões de toneladas;
- 7) As importações da China, para o ano 2017/18, permaneceram estimadas em 94 milhões de toneladas.

Vale ainda destacar que as condições das lavouras estadunidenses voltaram a melhorar. O relatório do dia 06/08 apontou 12% entre ruins a muito ruins; 28% regulares; e 60% entre boas a excelentes, com melhoria de um ponto percentual sobre a semana anterior neste último caso. Mesmo assim, tais condições estão bem abaixo das registradas no ano passado, quando 72% estavam entre boas a excelentes no início de agosto.

Por sua vez, as exportações líquidas de soja, por parte dos EUA, referentes ao ano 2016/17, que se encerra neste próximo dia 31/08, ficaram em 233.400 toneladas na semana encerrada em 27/07. O número ficou 20% abaixo da média das quatro semanas anteriores. Para o ano 2017/18 o volume chegou a 367.500 toneladas. Na soma dos dois anos o mercado espera um volume entre 300.000 e um milhão de toneladas.

Paralelamente, na Argentina a comercialização da safra 2016/17, até o dia 26/07, atingia a 52% da produção total. Ao mesmo tempo, as exportações de farelo por parte do vizinho país (a Argentina responde por cerca de 50% do comércio mundial de farelo de soja) chegaram a 10,8 milhões de toneladas entre janeiro e maio do corrente ano, contra 9,4 milhões em igual período de 2016.

Pelo lado da demanda, a China indicou que suas importações de soja em julho chegaram a 10,1 milhões de toneladas, com aumento de 30% sobre igual mês de 2016. No acumulado de 2017 os chineses já compraram 54,9 milhões de toneladas, com aumento de 17% sobre igual período do ano passado.

Nesse contexto, o Brasil informou que os chineses importaram, nos primeiros sete meses de 2017, um total de 39,4 milhões de toneladas de soja brasileira, sendo que as vendas totais da oleaginosa nacional, no período, atingiram a 50,9 milhões de toneladas, com alta de 14,9% sobre o mesmo período do ano passado. Diante de tais números, nota-se que as compras da China respondem por 77,4% de toda a soja vendida pelo Brasil.

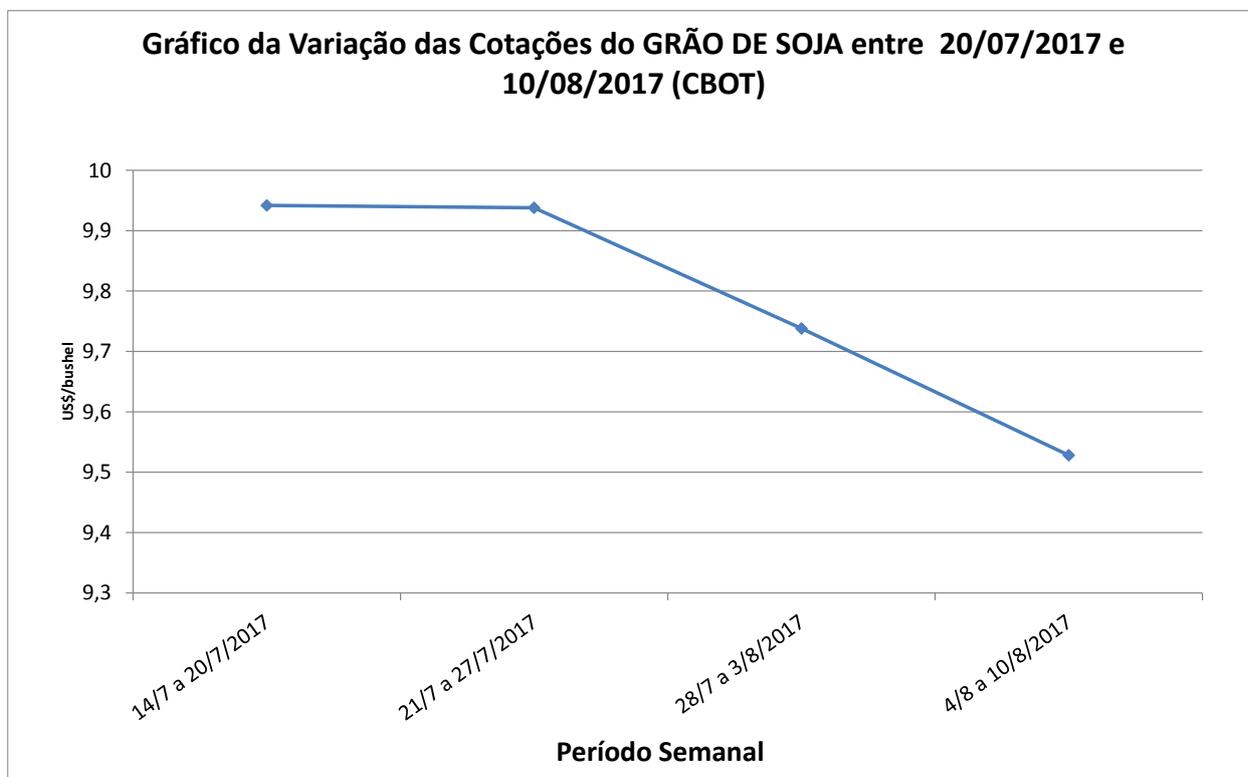
Dito isso, os preços no Brasil recuaram um pouco mais nesta semana, ainda sem o efeito do relatório do USDA. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 60,40/saco, perdendo R\$ 1,50/saco em relação a média da semana passada, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 66,50 e R\$ 67,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 55,00/saco em Sorriso (MT) e R\$ 69,00/saco em Campos Novos (SC), passando por R\$ 56,00 em Chapadão do Sul e São Gabriel (MS); R\$ 58,50 em Goiatuba (GO) e Pedro Afonso (TO); R\$ 60,00 em Uruçuí (PI); e R\$ 66,00/saco em Pato Branco (PR). Este comportamento foi ajudado por um câmbio que manteve o Real entre R\$ 3,10 e R\$ 3,15 durante a semana, impedindo maiores ganhos junto à oleaginosa.

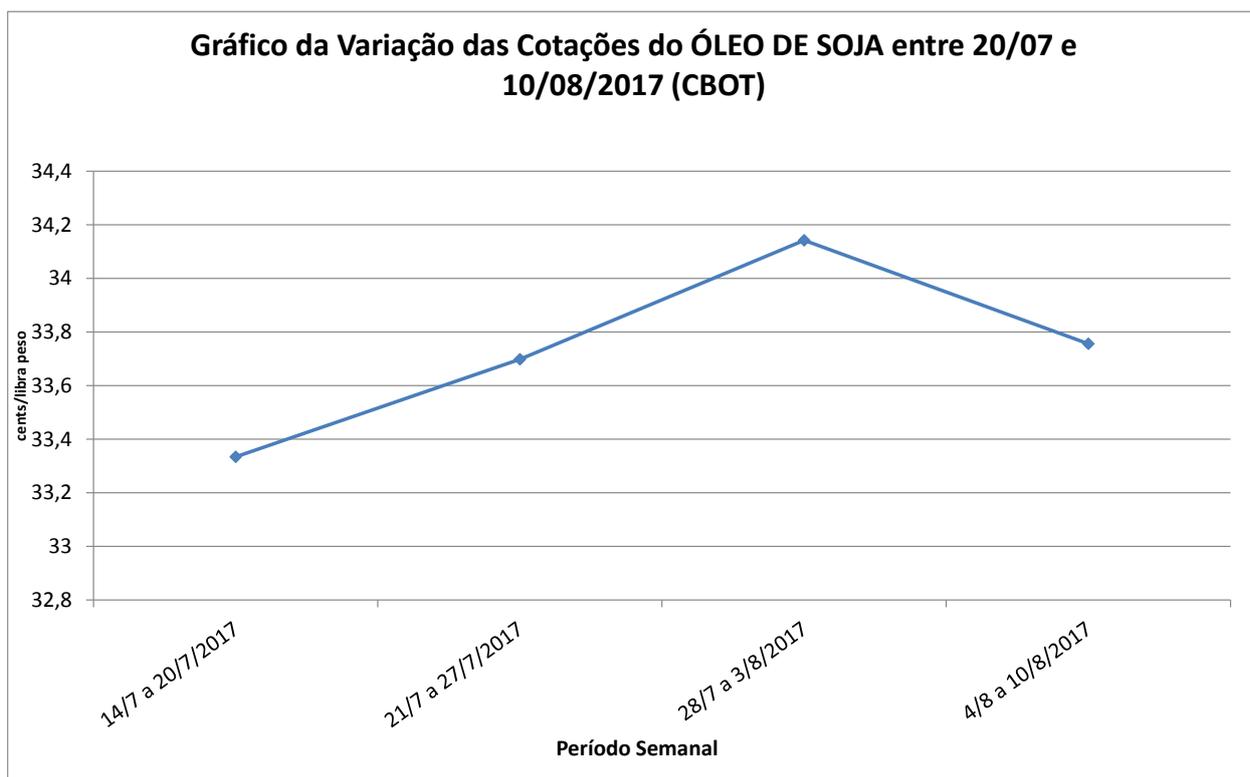
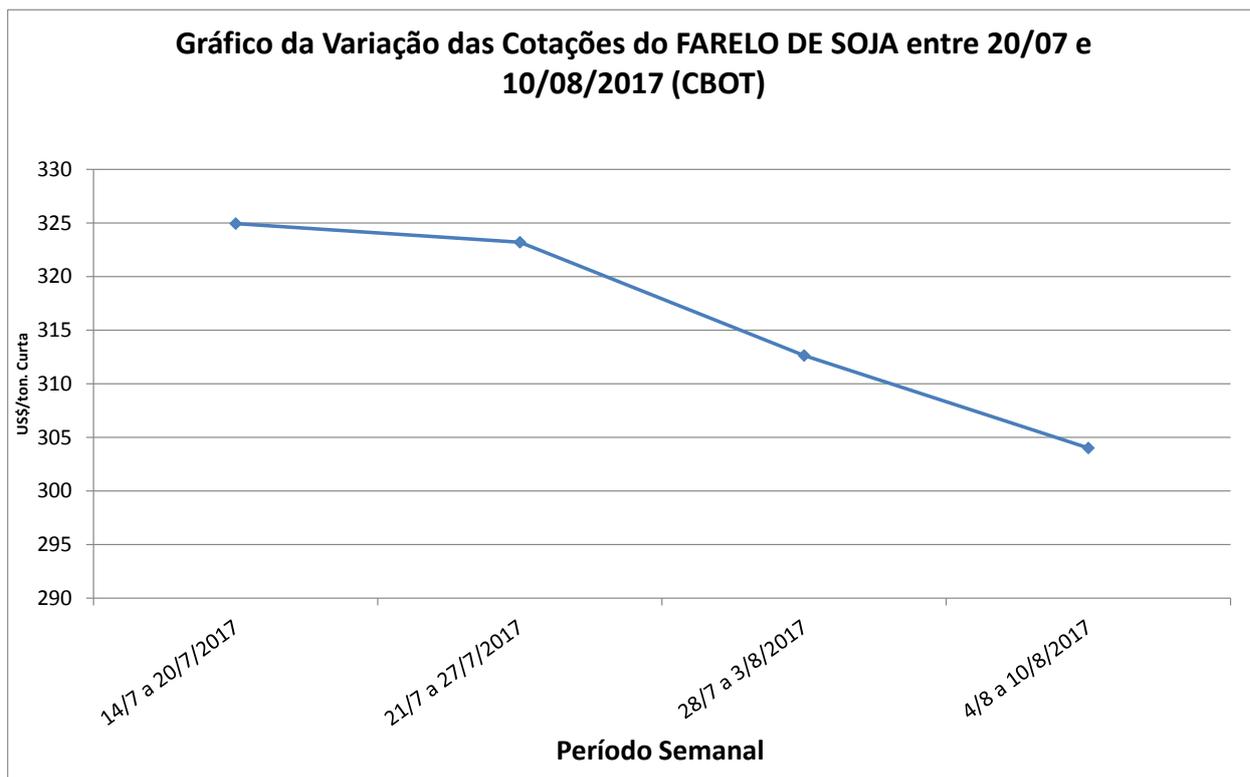
Destacamos ainda a comercialização da soja, a qual, correspondendo à safra brasileira de 2016/17, até o dia 04/08, atingia a 74% do total, contra a média histórica de 84%

para esta época do ano. Por Estado a mesma assim estava: Rio Grande do Sul com 56%, contra 71% na média; Paraná 65%, contra 78%; Mato Grosso 83%, contra 92%; Mato Grosso do Sul 67%, contra 82%; Goiás 86%, contra 92%; São Paulo 75%, contra 83%; Minas Gerais 78%, contra 88%; Bahia 82%, contra 90%; e Santa Catarina 55%, contra 73% na média histórica (cf. Safras & Mercado).

Já para a nova safra 2017/18, a comercialização antecipada indicava, em 04/08, que o Brasil havia negociado 8% da safra projetada, contra 15% na média histórica para esta época do ano. Por Estado os percentuais eram os seguintes: Rio Grande do Sul 5%, contra 8%; Paraná 6%, contra 10%; Mato Grosso 9%, contra 21%; Mato Grosso do Sul 10%, contra 17%; Goiás 8%, contra 17%; São Paulo 5%, contra 9%; Minas Gerais 5%, contra 12%; Bahia 10%, contra 20%; e Santa Catarina 7%, contra 5% na média histórica (cf. Safras & Mercado).

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 20/07/2017 a 10/08/2017.





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago, após ensaiarem uma pequena recuperação nos dias que antecederam o relatório de oferta e demanda do USDA, chegando a bater em US\$ 3,72/bushel na véspera do relatório, recuaram após o anúncio do mesmo e

fecharam o dia 10/08 (quinta-feira) em US\$ 3,57/bushel, contra US\$ 3,63 uma semana antes.

O mercado trabalhou parte da semana influenciado pela melhora do clima e, particularmente, pela possibilidade de redução na projeção de safra dos EUA, a ser anunciada no relatório do USDA.

Neste último caso, analistas privados internacionais esperavam uma colheita de 351,7 milhões de toneladas nos EUA, contra 362,2 milhões anunciados em julho e bem abaixo do realmente colhido na última safra que foi de 384,9 milhões de toneladas. A produtividade média seria de 10.422 quilos/hectare, enquanto os estoques finais para o final do corrente ano 2016/17 ficariam em 60,1 milhões de toneladas e para 2017/18 chegariam a 50 milhões, contra 59,1 milhões de toneladas indicados em julho.

O relatório acabou indicando os seguintes números:

- 1) A produtividade média ficou projetada em 10.642 quilos/hectare, portanto acima do esperado pelo mercado, embora um pouco abaixo dos 10.718 quilos indicados em julho;
- 2) A produção estadunidense de milho em 2017/18 passa a ser estimada em 359,6 milhões de toneladas, bem acima do esperado pelo mercado, porém, abaixo do indicado em julho;
- 3) Os estoques finais nos EUA, para 2017/18, foram reduzidos para 57,8 milhões de toneladas, porém, acima do esperado pelo mercado;
- 4) O patamar de preços médios aos produtores dos EUA, para o ano 2017/18, diante disso, ficou mantido entre US\$ 2,90 e US\$ 3,70/bushel;
- 5) A produção mundial de milho foi estimada em 1,033 bilhão de toneladas, contra 1,037 em julho e 1,070 bilhão um ano antes;
- 6) A produção da Argentina e do Brasil ficou respectivamente estimada em 40 e 95 milhões de toneladas para 2017/18;
- 7) As exportações da Argentina e do Brasil estão estimadas respectivamente em 28,5 e 34 milhões de toneladas.

Paralelamente, o USDA informou que até o dia 06/08 as condições das lavouras de milho nos EUA indicavam 60% entre boas a excelentes (reco de um ponto percentual em relação a semana anterior), 27% regulares e 13% entre ruins a muito ruins.

Na Argentina, a tonelada FOB subiu para US\$ 153,00 no fechamento desta semana de agosto, enquanto no Paraguai a mesma permaneceu em US\$ 100,00.

Aqui no Brasil, os preços médios do milho se mantiveram estáveis, com viés de baixa mais uma vez diante da enorme oferta que vem se consolidando com a colheita da safrinha. O balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 22,34/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 27,50 e R\$ 28,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 13,00/saco em Sorriso (MT) e R\$ 28,00/saco em Concórdia e Videira (SC).

Por outro lado, a Sorocabana paulista trabalhou ao redor de R\$ 22,50/saco, enquanto o referencial Campinas passou a ser pressionado pela crise na logística paulista, com o

saco subindo para R\$ 25,50 a R\$ 26,00 no CIF disponível, e no porto de Santos surgiram negócios ao redor de R\$ 29,00/saco para agosto e setembro.

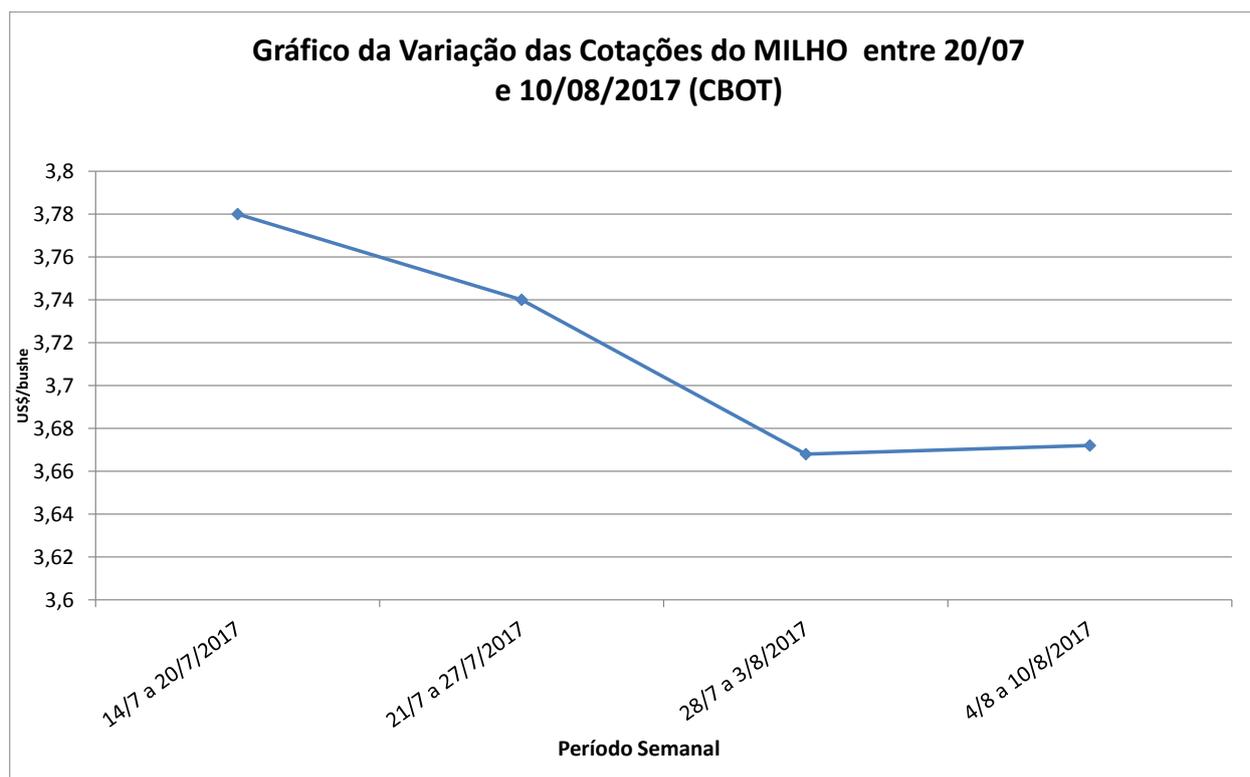
De fato, a enorme safrinha que vem entrando encontra sérios problemas de estocagem e de transporte (neste último caso, a greve dos caminhoneiros potencializou o problema nesta semana). Isso faz com que o produto, abundante nas regiões produtoras, não chegue adequadamente no porto, forçando um descolamento de preços neste último caso. Mesmo assim, parece difícil que tal situação permita um crescimento aceitável nas exportações.

Por enquanto, nos seis primeiros meses do ano de 2017 o Brasil exportou 3,2 milhões de toneladas de milho, contra 12,3 milhões em igual período de 2016. Por sua vez, somando julho e a primeira semana de agosto, as exportações brasileiras em 2017 alcançam os mesmos 3,2 milhões de toneladas de todo o primeiro semestre, demonstrando que há uma nítida aceleração nas vendas externas do cereal. Em 2016, a soma de julho com a primeira semana de agosto resultou em um volume exportado de 1,27 milhão de toneladas. Todavia, diante da enorme produção nacional, esta recuperação nas vendas externas ainda é insuficiente para dar conta dos elevados estoques que se desenham para o final deste ano.

Senão vejamos: diante de uma safrinha que deverá atingir ao redor de 70 milhões de toneladas, a safra total brasileira de milho, em 2017, está sendo estimada em 110,5 milhões de toneladas, contra 70,8 milhões do ano de 2016. Ou seja, são praticamente 40 milhões de toneladas a mais neste ano. As exportações em 2017 estão sendo esperadas em 35,5 milhões de toneladas, contra apenas 14,8 milhões no ano passado. Mesmo assim, os estoques finais de milho no Brasil terminariam 2017 em 20,3 milhões de toneladas, contra apenas 5,7 milhões em 2016 (cf. Safras & Mercado). Dá para imaginar o tamanho dos estoques finais caso o país não consiga, como parece ser o caso, exportar o volume previsto de milho neste ano. Diante de tal quadro, não há como os preços do cereal subirem neste restante de ano e mesmo para a safra de verão a ser colhida no início de 2018.

Quanto a colheita da safrinha, até o dia 28/07 a mesma chegava a 51% no Centro-Sul brasileiro, contra 73% na mesma época do ano passado. O Paraná havia colhido 46%, contra 72% no ano anterior; São Paulo 27%, contra 68%; Mato Grosso do Sul 34%, contra 65%; Goiás 45%, contra 70%; Mato Grosso 68%, contra 85%; e Minas Gerais 21%, contra 35% (cf. Safras & Mercado).

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 20/07/2017 a 10/08/2017.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, que se mantinham praticamente estáveis em Chicago até o anúncio do relatório de oferta e demanda do USDA, recuaram bastante no dia 10/08, sob efeito de tal anúncio. Assim, o bushel do cereal fechou esta quinta-feira (10) em US\$ 4,40, contra US\$ 4,57 uma semana antes. A cotação deste dia 10/08 não era vista desde o dia 12/06 passado.

Os preços estiveram sob pressão da grande oferta mundial e pelo fraco desempenho das exportações estadunidenses de trigo. Todavia, preocupações com o clima nas regiões produtoras do trigo de primavera impediam novas baixas. Assim, mesmo com o avanço da colheita deste trigo, a expectativa para com o relatório de oferta e demanda do USDA segurava as cotações, pois muitos analistas apostavam em mais redução na produção de trigo dos EUA.

O referido relatório acabou reduzindo os números da safra estadunidense, porém, de forma tímida em relação a julho. Além disso, o forte recuo da soja e do milho puxaram igualmente a cotação do trigo para baixo. O relatório indicou o seguinte:

- 1) A produtividade média nos EUA foi reduzida para 3.066 quilos/hectare, contra 3.106 quilos em julho e 3.537 quilos/hectare em 2016/17;
- 2) A produção final dos EUA, para 2017/18, foi reduzida para 47,3 milhões de toneladas, contra 47,9 milhões em julho e 62,9 milhões de toneladas em 2016/17;

- 3) Os estoques finais estadunidenses pouco se alteraram, ficando em 25,39 milhões de toneladas para 2017/18, contra 25,53 milhões em julho, lembrando que em 2016/17 os mesmos atingiram 32,2 milhões de toneladas;
- 4) Com isso, o patamar de preços médios aos produtores de trigo dos EUA, para o ano 2017/18, permaneceu entre US\$ 4,40 e US\$ 5,20/bushel;
- 5) Em termos mundiais, a produção global foi aumentada para 743,2 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais subiram para 264,7 milhões, servindo como componente baixista às cotações;
- 6) A produção e a exportação da Argentina, para 2017/18, ficaram respectivamente em 17,5 e 11,5 milhões de toneladas;
- 7) A produção e a importação do Brasil, para o novo ano comercial 2017/18, ficaram respectivamente projetadas em 5,2 e 7,2 milhões de toneladas.

Por sua vez, em relação ao plantio de trigo, para a safra 2016/17 na Argentina, o mesmo chegava a 96% da área no início desta semana, com a Bolsa de Cereais de Buenos Aires estimando uma área final de 5,4 milhões de hectares, ou seja, 5,8% acima do efetivado no ano passado.

Neste contexto, os preços da tonelada FOB de trigo para exportação no Mercosul permaneceram entre US\$ 200,00 e US\$ 220,00.

No Brasil, os preços do cereal se mantiveram estáveis, com o saco no balcão gaúcho fechando a semana na média de R\$ 32,32. Já os lotes continuaram na média entre R\$ 38,40 e R\$ 39,00/saco. No Paraná os mesmos ficaram estáveis em R\$ 42,00/saco, enquanto no balcão giraram entre R\$ 35,00 e R\$ 36,50/saco. Em Santa Catarina o balcão ficou entre R\$ 34,00 e R\$ 36,00/saco e os lotes permaneceram em R\$ 37,80/saco.

Enquanto o plantio chegava a 97% da área no Rio Grande do Sul, notou-se que as chuvas da semana anterior neste Estado não foram suficientes para muitas regiões e a seca continua preocupando os produtores locais e também do Paraná, sem falar nos efeitos da geada de julho. As perdas começam a ficar irreversíveis no sul do país.

Muitos operadores no mercado, avaliando as atuais condições, já vêm repercutindo possíveis quebras ainda não confirmadas e aguardam preços mais elevados para o decorrer da temporada. Isso faz com que os mesmos segurem, em parte, o produto ainda disponível, esperando negociar em um melhor momento.

Mas há contradições neste movimento atual de preços! Isso porque, no curto prazo, já há indicações de possibilidade de redução dos mesmos, diante da iminência do ingresso da nova safra que, mesmo com quebras, deverá potencializar o viés baixista no Paraná. Apenas no Rio Grande do Sul, que colhe em novembro, se espera firmeza nos preços neste curto prazo (cf. Safras & Mercado).

Este raciocínio comercial se deve ao fato de que as perdas ainda não foram confirmadas, e a indústria nacional está bem abastecida. Além disso, o câmbio segue desfavorável ao trigo nacional, podendo manter um cenário de elevadas importações para a próxima temporada, potencializada por uma produção maior na Argentina, que poderá ter boa parte escoada para o mercado interno brasileiro (cf. Safras & Mercado).

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 20/07/2017 a 10/08/2017.

